

# PANORAMA HISTÓRICO DO RACISMO NO BRASIL E POSSÍVEIS SOLUÇÕES NA ATUAL CONJUNTURA

## *HISTORICAL PANORAMA OF RACISM IN BRAZIL AND POSSIBLE SOLUTIONS IN THE CURRENT CONJUNCTURE*

Esdras Duarte dos Passos<sup>1</sup>, Marcus Valério Rocha Garcia<sup>2</sup>, Renato Pereira Costola<sup>3</sup>, Ricardo Alberto Silva<sup>4</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta como se desenvolveu historicamente, no Brasil, o contexto da cultura de racismo e como pode ser desconstruído nos dias atuais. Partindo da origem histórica, que começou por volta do século XVI e XVII durante a expansão europeia e a colonização do continente americano, apresentando a forma inicial de discriminação contra os escravos negros. O artigo também aborda temas atuais, como a diferença entre negros e brancos no mercado de trabalho, remuneração, evasão e acesso à educação, e qualidade de vida. A educação e o conhecimento sobre a cultura africana, principalmente entre as crianças, têm se mostrado muito eficaz em combater o racismo e pregar o respeito mútuo entre as pessoas.

**Palavras-chave:** Étnico-racial. História. Brasil.

**Abstract:** *The article presents how the context of the culture of racism and how it can be deconstructed in the present day has been developed historically in Brazil. Starting from Historical Origin, which began around the sixteenth and seventeenth centuries during European expansion and colonization of the American continent, presenting the initial form of discrimination against black slaves. The article also addresses current issues such as the difference between blacks and whites in the labor market, pay, evasion and access to education, and quality of life. Education and knowledge about African culture, especially among children, have*

*been very effective in combating racism and preaching mutual respect among people.*

**Keywords:** Racial ethnicity. Story. Brazil.

### I - INTRODUÇÃO

No contexto cotidiano, as problemáticas étnicas raciais vêm crescendo progressivamente na atual conjuntura envolvendo a sociedade integralmente, assim, propõe-se discutir teorias a fim de construir um conceito de análise de possíveis reduções de danos no convívio social.

Em um panorama histórico, é evidente a discriminação étnico-racial no Brasil, mesmo se tratando de um país de pluralidade em seu contexto, pois foi estruturado pela imigração de povos de variadas partes do mundo, sendo colonizado e explorado por um país europeu.

A estrutura da colonização foi, a princípio, composta em sua maior parte por mão de obra escrava africana, pois, no período da diáspora, foram contrabandeados povos africanos para o Brasil, bem como indígenas nativos passaram pelo processo de genocídio sendo obrigados a aderir à cultura do opressor. Esse fato é causa de um grande estigma para a sociedade, na qual ainda estão impregnadas a opressão a culturas adversas e a tendência ao pré-julgamento.

Mesmo com o desmonte do sistema escravagista, os resquícios dele em um país pós-ditadura ainda são grandes, podendo ser comprovado por meio de

<sup>1</sup>Doutor em Ciências, Professor e Pesquisador do NUPE no Centro Universitário ENIAC. E-mail: [esdras.duarte@eniac.edu.br](mailto:esdras.duarte@eniac.edu.br)

<sup>2</sup>Mestre em Ciências, Professor e Pesquisador do NUPE no Centro Universitário ENIAC. E-mail: [marcus.valerio@eniac.edu.br](mailto:marcus.valerio@eniac.edu.br)

<sup>3</sup>Acadêmico do curso de Engenharia Elétrica do Centro Universitário ENIAC. E-mail: [renatocostola2014@gmail.com](mailto:renatocostola2014@gmail.com)

<sup>4</sup>Acadêmico do curso de Engenharia Mecatrônica do Centro Universitário ENIAC. E-mail: [ricardo00silva@gmail.com](mailto:ricardo00silva@gmail.com)

pesquisas que apontam pouca participação da população negra em cargos de chefia, alta remuneração e de representatividade. Compreende-se que a educação, sendo a base da sociedade moderna, pode tratar dos problemas relacionados à étnica racial de forma mais abrangente e que pode neutralizar o preconceito para que não cause contrariedades nas diversas formas de pensamentos.

Para especialistas, a implantação do estudo das histórias da cultura afro-brasileira e cultura indígena são de suma importância para a construção de uma sociedade mais igualitária, devido ao indivíduo tender a julgar mal algo cujas raízes desconhece. Partindo do princípio de educar, acredita-se na diminuição de crimes de injúria racial e até mesmo o racismo atrelado a atos de preconceito.

## II – ORIGEM HISTÓRICA DO RACISMO

Para entender as possíveis origens do preconceito étnico-racial no Brasil, é necessário voltar a séculos anteriores, antes da colonização quando o preconceito e a discriminação racial não eram interpretados como crime, na época da expansão marítima e comercial da Europa em torno do século XVI e XVII e colonização do continente americano.

O sequestro e comércio de pessoas de origem africana, era justificada pelo desenvolvimento econômico europeu fortemente praticado pelos britânicos. A população negra passava, então, a ser tratada como qualquer outro bem de comércio, era arrancada de suas famílias, marcada a ferro e fogo, e assim, comercializada, não tendo nenhum tratamento associado a um ser humano. A fim de eliminar qualquer culpa das atrocidades que eram cometidas pelo povo opressor, no que diz respeito às ações imperialistas de comércio do povo negro, associavam os negros e os povos nativos da América (índios), como seres sem alma, o que na visão do cristão daquela época era considerar como animais.

Dentre esse contexto, era ideal a domesticação dos escravos, para que os senhores tivessem total domínio sobre eles, tratando-os como pessoas sem

educação, sem raízes de onde foram arrancados de suas culturas, sem direito a socialização, ou seja, socialmente eram excluídos. Isso vinha ao encontro de medidas tomadas: os negros eram mandados para lugares isolados de suas famílias, para diminuir a possibilidade de organização, de revolta. Com isso, foi criada uma espécie de pirâmide da supremacia racial, em cujo topo estavam os europeus, seguido dos asiáticos, indianos, índios e africanos, sempre posicionando os europeus como seres de superioridade às outras etnias.

## III – DOUTRINA DE SUPERIORIDADE RACIAL NO SÉCULO XIX

O começo do desmonte do sistema escravagista no Brasil iniciou-se juridicamente no ano de 1871 com a **Lei do Ventre Livre**, com a qual a Princesa Isabel por meio de suas atribuições concedia liberdade aos filhos das mulheres escravas. Assim, os senhores dessas mães eram obrigados a criar as crianças até 08 anos de idade. Após, receberiam uma indenização do estado ou poderiam utilizar dos trabalhos do escravo até os 21 anos de idade. Posteriormente, em 1885, foi sancionada a **Lei dos Sexagenários** ou **Lei Saraiva de Cotegipe**, que concedia liberdade aos escravos com idade igual ou superior a 65 anos. Na prática, essa lei beneficiava os senhores, tirando a responsabilidade de “sustentar” os escravos idosos, além de poucos sobreviverem até essa idade. Por fim, a **Lei Áurea**, em 1888, foi a lei que extinguiu a escravidão no Brasil teoricamente.

Com o começo dessa nova era, vieram então teorias evolucionistas, que tratavam a população não branca como seres de intelecto e cultura inferior. Mesmo com o alto grau de miscigenação de raças no Brasil, ganhou a adesão da classe dominante uma teoria, o Determinismo, baseada na corrente de pensamento de não miscigenar as raças e na concepção de querer “arrumar” a mistura racial,

associavam problemas sociais e econômicos à miscigenação de culturas e raças, por esse motivo procuravam uma solução para a diversidade, assim,

criando a cultura do ‘embranquecimento’ da nação. Muito defendida por Silvio Romero (1851-1914), essa visão sugeria como solução para o “problema” da nação, no que se trata de mistura de raça, a imigração maciça de população europeia para compor uma nova população brasileira. Segundo GOUBINEAU (1855), a miscigenação de raças era a ruína de uma nação. O autor defendia que um país não poderia se desenvolver cultural e economicamente se houvesse a mistura das raças, que não se poderia esperar nada de bom de raças julgadas inferiores, que da mistura com raças inferiores poderiam surgir populações desequilibradas.

#### IV - RESISTÊNCIA

Mesmo com o genocídio sofrido pela população negra no Brasil na era escravagista, a identidade étnica e religiosa foi mantida pela população negra em forma de resistência durante anos. Os negros eram obrigados a aderir à religião católica imposta pelos colonos portugueses e não tinham liberdade de culto a suas crenças, eram obrigados a cultuar seus Deuses e ancestrais durante a madrugada, nas senzalas, de forma enrustida, e ainda simular que eram adeptos só catolicismo cristão.

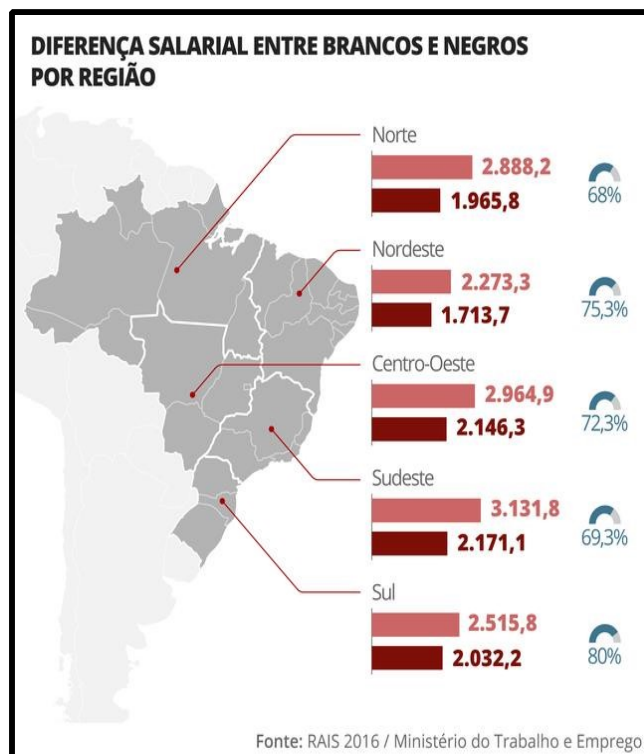
#### V – DIFERENÇAS SALARIAIS ENTRE NEGROS E BRANCOS

De acordo com dados de 2017 do IBGE, trabalhadores negros ganham em média R\$ 1,2 mil a menos que os brancos.

Segundo (Gomes/2018), as desigualdades históricas contribuem com essas diferenças enfrentadas pelos negros no mercado de trabalho. Também a condição de vida mais precária durante a formação e o menor acesso à educação fazem com que as oportunidades sejam mais restritas.

A Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), no 4º semestre de 2017, divulgou dados em que trabalhadores brancos tinham em média, salário de R\$ 2.679,00; pardos de R\$ 1.543,00, e negros de R\$ 1.526,00.

Figura 01 – Diferença salarial entre brancos e negros.



Fonte RAIS 2016 / Ministério do Trabalho e Emprego.

Segundo a especialista Maria Helena Machado, professora da Universidade de São Paulo, a escravidão que existia no país, há 130 anos, era vista de forma muito natural. A sociedade foi construída e cresceu com essa visão, então, a mudança se torna difícil e longa. Após a Lei Áurea, em 1888, os escravos foram libertados sem apoio das políticas públicas da época, a integração dos negros na sociedade foi repentina. Sem a educação necessária, os postos de trabalhos oferecidos eram aqueles que não exigiam habilidades ou conhecimentos técnicos, e com isso a dificuldade de entrada no mercado de trabalho.

Esse efeito fica claro nos números. Segundo Cimar Azeredo, coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE, considerando-se os 10% da população com os maiores rendimentos no Brasil, 8 a cada 10 são brancos. Já entre os 10% mais pobres, a proporção se inverte: 8 a cada 10 são negros.

E esse não é o único problema: o número de trabalhadores negros sem carteira assinada é de

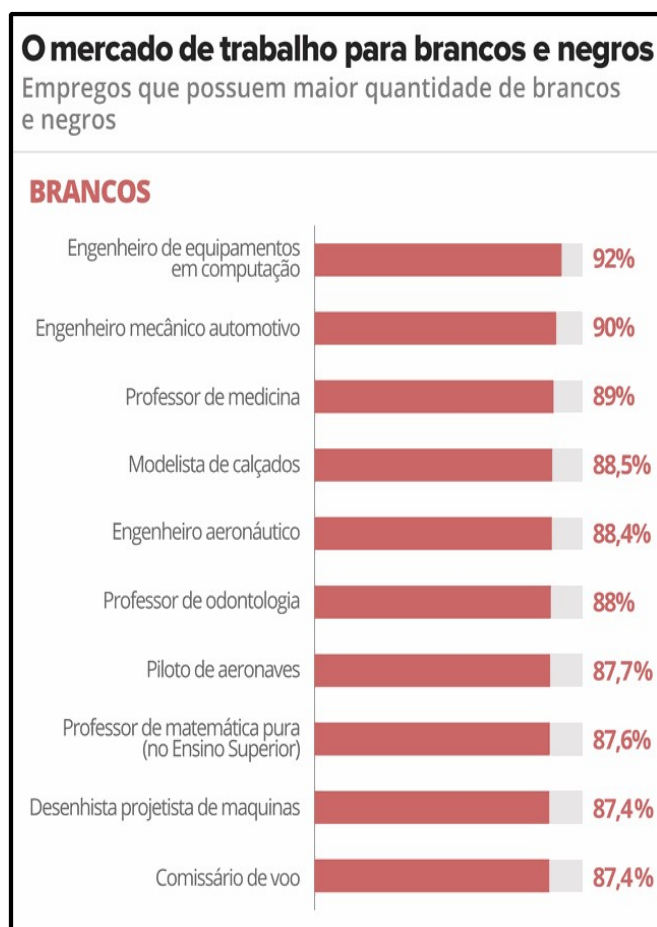
21,8%, superior aos 14,7% de trabalhadores brancos nas mesmas condições. Outro índice relevante é que apenas 8,8% da população negra com mais de 25 anos possui ensino superior, enquanto 22,2% da população branca do mesmo perfil frequentou uma faculdade.

Nos últimos anos, foram criadas políticas como cotas em universidades e em serviços públicos para mitigar as desigualdades raciais e deixar de forma mais igualitária a entrada de negros no mercado de trabalho. Porém, essa diferença ainda não é sentida por grande parte da população e os números mostrados acima confirmam esse problema.

Operador de *telemarketing*, motorista, faxineiro, varredor são profissões que exigem pouco preparo. Nesse grupo de profissões, a maioria da população que ocupa esses cargos é negra. Enquanto médicos, dentistas, advogados e engenheiros são, em sua maioria, trabalhadores brancos. Esses dados são apontados pelo MTE (Ministério do Trabalho e Emprego). Especialistas afirmam que essa diferença entre os tipos de profissões se dá pela falta de acesso à educação dos ensinos fundamental e médio ou por evasão precoce. Com isso, as oportunidades de entrada no mercado de trabalho e ascensão para outros cargos é reduzida.

Analisando os dados mais recentes do MTE (2016) é possível perceber essa discrepância entre os cargos:

Figura 02 – O mercado de trabalho para brancos e negros

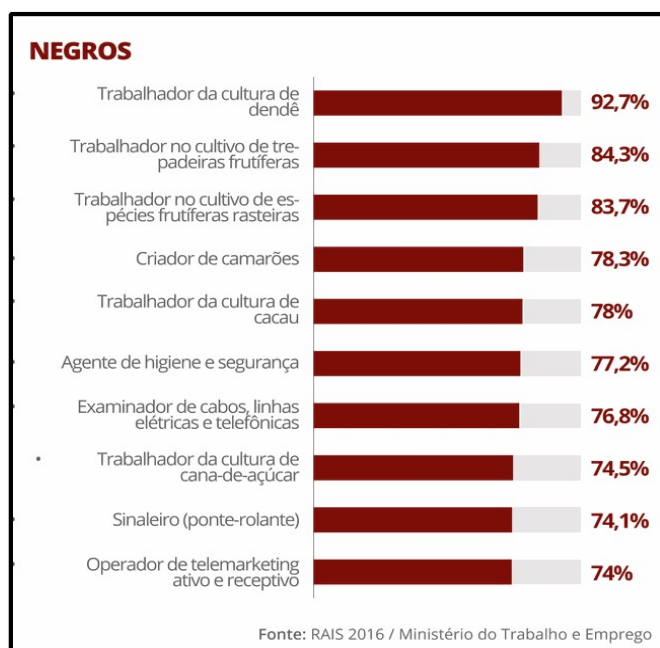


Fonte: RAIS 2016 / Ministério do Trabalho e Emprego.

Outros dados do MTE afirmam que há diferença salarial entre brancos e negros que exercem a mesma profissão em cargos de chefia e gerência considerando ser a mesma atividade exercida.

Figura 03 – O mercado de trabalho para brancos e negros.





Fonte: RAIS 2016 / Ministério do Trabalho e Emprego.

## VI – CAUSAS E POSSÍVEIS SOLUÇÕES

Não existe uma causa explícita para servir de base para estes índices, mas alguns fatores estão atrelados indiretamente para colaborar com essas diferenças.

A população negra representa 54,9% da população do Brasil e, por meio de dados, é notável que a qualidade de vida é inferior.

Coleta de lixo, abastecimento de água e coleta de esgoto atendem a 70,8% de brancos, contra 53,1% para negros e pardos; isso nos leva à saúde de forma geral: 34,9% de brancos conseguem acesso a planos de saúde, e apenas 17,1% de negros e pardos.

A violência também faz pesar esses índices: 71% das vítimas assassinadas no Brasil são negras. Esses dados são apontados pelo pesquisador Antônio Teixeira, coordenador de gênero, raça e estudos geracionais do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada).

A população negra compõe um enredo de luta e resistência ao longo da composição de sua história no Brasil. Mesmo após a abolição do sistema

escravista, o preconceito e a discriminação são latentes, e acredita-se que a falta de conhecimento da população, no geral, torna o racismo e a discriminação mais em evidência.

A prática de desconstrução do racismo é essencial para a evolução da sociedade, numa esfera mais justa e igualitária, sendo assim, o ensino de Cultura AfroBrasileira nas escolas segundo a lei 10.639/03 é um caminho para a redução de danos no quesito de preconceito e discriminação racial. O ser humano em si tem tendência natural de discriminar aquilo que desconhece, e, em se tratando do ensino deficitário de um país de terceiro mundo, muitos conceitos são gerados por lendas ou sem argumentos fundamentados em verdades.

Com a capacitação de educadores e incentivo a atividades lúdicas no que diz respeito à cultura afro-brasileira nas escolas de todo o Brasil, tende-se que as próximas gerações tenham enraizado o respeito mútuo e o conhecimento de que um dos pilares da nação é o povo de matriz africana, e que sua cultura não é uma subcultura ou tão pouco que exista uma supremacia racial, que isso não passa de retóricas sectárias e que não agregam valores à nação.

## VII -CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração esses aspectos, é notável que houve em épocas passadas um forte movimento de segregação e racismo contra os negros. Esse movimento causou grandes dificuldades de inserção na sociedade que perduram até os dias de hoje. No mercado de trabalho; em cargos de níveis mais altos; no ensino superior e nas classes sociais mais altas, a diferença numérica é bastante relevante, o que confirma as sensações da população negra perante o assunto.

A criação de políticas de cotas em diversas áreas ajuda a reverter essa situação, porém, a maneira mais eficaz de combater o racismo e o preconceito é pela educação, que deve ser enfatizada na infância por educadores capacitados e estendida aos pais e responsáveis para uma mudança de comportamento civil, respeitando as diferenças

culturais e sabendo que todas as pessoas são iguais e que todos merecem o mesmo tratamento.

#### REFERÊNCIAS

GOMES, Helton. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/brancos-saomaioria-em-empregos-de-elite-e-negros-ocupamvagas-sem-qualificacao.ghtml>. Acessado em: 01 jan.2019.

<https://g1.globo.com/economia/noticia/negrosganha-m-r-12-mil-a-menos-que-brancos-em-media-nobrasil-trabalhadores-relatam-dificuldades-e-racismovelado.ghtml>. Acesso em: 01 jan.2019.

<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/sociologia/racismo.htm>. Acesso em: 20 mar. 2019.

<http://unisinos.br/blogs/neabi/2013/02/04/a-historiario-racismo-documentario/>. Acesso em : 20 mar. 2019.

<https://www.infoescola.com/sociologia/racismo/>. Acesso em: 27 mar. 2019.

[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2010/2010\\_fafipa\\_hist\\_artigo\\_dalva\\_aparecida\\_marques\\_da\\_silva.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2010/2010_fafipa_hist_artigo_dalva_aparecida_marques_da_silva.pdf). Acesso em: 27 mar. 2019.

GOUBINEAU, apud SCHWARCZ. Ensaio Sobre a Desigualdade das raças humanas. 1855.